

Amizade na Roma Imperial: Patronos E Poetas

Profa. Dra. Renata Lopes Biazotto Venturini¹

Resumo: A relação entre patronos e clientes na sociedade romana imperial pode ser traduzida pelo termo *amicitia*, literalmente traduzido como amizade. Nosso objetivo é entender a *amicitia* nas relações clientelistas. Trata-se de uma relação pessoal baseada na fidelidade (*fides*) e na troca de favores entre os amigos. O cliente, fosse rico ou pobre, poderoso ou miserável, era um homem livre que vinha cortejar o patrono em busca de proteção. Nos epigramas de Marco Valério Marcial encontramos a adulação e a irreverência como exemplos da prática clientelista. Na condição de cliente suas atitudes foram sempre adadoras. Enquanto poeta mostrava-se irreverente, na medida em que manifestava o desejo de ver reconhecida sua atividade de escritor.

Palavras-chave: clientelismo, amizade, Marco Valério Marcial.

A organização da sociedade romana foi marcada, no campo político, pela oposição entre o patriciado e a plebe. Esta oposição situa-se historicamente desde o início da República estendendo-se até o século II a.C., quando já se delineava a formação e a ação da *nobilitas*, vindo manifestar-se, sobretudo, na instituição do patronato e da clientela.

A oposição do patriciado e da clientela sobreviveu na literatura, sob a forma do discurso, quando mais se avançava para o poder individual e tudo o que ele simbolizava. É que a extensão da cidadania trouxe consigo o advento das aristocracias provinciais – os *novi homines* – acrescentando novas formas nas relações sociais tradicionais.

Numa sociedade repleta de valores hierárquicos como a sociedade romana, as regras do patronato e da clientela sempre foram respeitadas. Em suas relações pessoais, o cidadão romano inseria-se num quadro de fidelidades recíprocas que constituiriam o elemento essencial de conquista do poder em Roma.

Os laços que uniam o patrono ao cliente determinavam as regras de comportamento. As regras de conduta que o patrono deveria adotar estavam definidas pela noção de *fides* e *diligentia*. A primeira designava o crédito que um indivíduo possuía, determinando a confiança do outro e sua autoridade no grupo social que pertencia. A segunda significava a energia utilizada na defesa e na habilidade que tinha para vencer os adversários. Ao cliente cabia o reconhecimento da proteção ou *gratia* oferecida pelo patrono, criando um vínculo de dependência entre eles.

Durante o Império os laços pessoais se fortaleceram. A organização política refletia a influência determinante e eficaz que certos indivíduos exerciam sobre o conjunto dos outros. Em um artigo intitulado *La vie politique des romains à travers le vocabulaire*, J. Hellegouarc'h, escreve que em Roma existiam agrupamentos que uniam um número de indivíduos com interesses políticos comuns, o que cristalizava a existência de grupos políticos fundados na noção política de *fides*. Ao analisar os conceitos que caracterizam essa relação destaca que

“ (...) o que faz o caráter original e profundamente romano desses grupos políticos é que, qualquer que seja a tarefa a que se proponham e o sentimento que os anime, estão fundados sobre uma noção específica, que domina verdadeiramente todo o vocabulário político dos romanos ; a *fides*.” (1963, p.161)

O conceito de *fides* determinava as qualidades de um patrono e conferia-lhe o respeito e a influência diante de seu círculo de relações pessoais, quando atuava em favor de um cliente. Corresponde à idéia de confiança mútua, e indica os laços recíprocos existentes entre aqueles que estavam unidos por uma mesma *amicitia*. Relaciona-se ao cliente (*amicus*) e apresentam duplo sentido. Ou seja, aplicando-se àqueles que são protegidos (clientes), designa a confiança colocada naquele que o protege; aplicando-se ao protetor (patrono), exprime a confiança que ele inspira. Assim, o caráter próprio da *fides* demonstra a existência de um dever entre o patrono e o cliente, conhecido como *officium*.

O *officium* designa as obrigações recíprocas entre aqueles que estão unidos por uma mesma *amicitia*. Essa relação tem por base um tipo de contrato, fazendo com que a proteção concedida pelo patrono deve ser paga pelo apoio que o cliente lhe presta em circunstâncias que se fazem necessárias e úteis.

Os deveres impostos pelo *officium* assumem diversas formas na vida política e social. Podem ser obrigações puramente sociais, como também, sob uma forma mais precisamente política, significam o sustento e o apoio, por meio da propaganda política, que são dirigidos ao patrono. Devemos salientar que os meios de que o patrono dispõe – em dinheiro, em amizades,

em clientes -, asseguram seu poder social e político, implicando superioridade sobre os demais membros da comunidade e prioridade para tomar iniciativas e enunciar-las ao senado romano.

O cliente, seja rico ou pobre, poderoso ou miserável, pode ser um homem livre que vem cortejar o patrono ambicionando, entre outros benefícios, fazer carreira pública, ou ser favorecido em um testamento. Como poetas e filósofos desejam o reconhecimento pela atividade intelectual e literária. O patrono, ao receber em sua casa as saudações individuais de certo número de clientes, está recebendo um fragmento da sociedade romana, com seus níveis e desigualdades, e sobre a qual ele tem a *auctoritas* política.

Tais observações remetem a R. Marache em seu artigo *La poésie et le problème social à la fin du I siècle: Martial et Juvenal*, onde destaca que a palavra cliente não evoca uma categoria social definida. O laço que une o cliente ao seu patrono é uma espécie de laço de dependência.

“ O laço que une o patrono ao cliente é uma espécie de laço de vassalagem. Um homem rico e poderoso pode ser o cliente de um outro, ainda mais rico ou mais nobre. Muitos artesãos ou pessoas que exercem pequenos negócios, encontram-se colocados na clientela de uma grande família.(...) Nada era mais honrável do que fazer parte da clientela de uma grande família.” (1961, p.12-130)

Em Marache (1961) o clientelismo é identificado como um problema de caráter social, o que vem a ser o centro temático dos autores latinos. Marcial e Juvenal são os intérpretes de um mal-estar profundo, que é o mal-estar de toda uma categoria social. Assim, o clientelismo pode ser um caminho para sobreviver em Roma. É nesse quadro que Marcial vai inserir seus interessados conselhos.

De Marcial (44-102 d.C.) sempre se falou mal, como um falso moralista e um fustigador dos vícios. Nascido na Espanha em meados do século I d.C., aproximadamente no ano 44, viveu muito tempo em Roma onde, em vão, buscou adquirir fortuna como escritor. Embora possuísse pequenas propriedades, seus rendimentos eram insuficientes para sobreviver em Roma, colocando-o na condição de cliente. Voltou à Espanha nos primeiros anos do século II d.C., onde permaneceu até a morte, no ano de 102.

Em seus 12 livros, contendo 1172 epigramas, o poeta espanhol é muitas vezes obscuro, bajulador dos grandes por necessidade, mas não deixa de ser um realista de grande magnitude. Seus poemas são concisos e indicadores de simples idéias. São dirigidos a alguém individual ou imaginário, como forma de presente a amigos, ou ainda para serem lidos em locais públicos. Os temas são os mais variados e expressam formas de comportamento na cidade de Roma, onde figuram os beberrões, avaros, hipócritas, esposas devotas ou libertinas, homossexuais, exibicionistas, bajuladores.

A variedade de temas e de personagens que figuram nos poemas de Marcial foram destacados por Leoni, na tradução de 100 epigramas:

“ Marcial é um realista magnífico, um caricaturista incomparável, um pintor impressionista de tipos e de situações, exato nas observações, agudo na crítica, caprichoso na ironia, picante no golpe final. Vergasta a todos: poetas e parasitas, desonestos e novos-ricos, jovens e velhos, homens e mulheres(...) Marcial é aquele espírito maligno que todos acreditam.” (1958, p. 5-6)

Marcial foi um porta-voz da sociedade romana e manteve sua sobrevivência com a poesia. Seus poemas eram um veículo para o conhecimento, embora não escondessem a irreverência de seus versos

“A minha Roma louva, ama, canta os meus epigramas: estou em todos os bolsos, em todas as mãos. Eis que alguém cora, empalidece, pasma, boceja, odeia-me. Era isso o que eu queria: agora as minhas poesias agradam também a mim.” (EPIGRAMA VI.60. *apud* Leoni, 1958, p.27-28)

Viver na *Urbs*, representava um grande desafio para clientes como Marcial. Nessa condição ele sobrevivia em Roma estando unido ao patrono, para quem a posse de clientes era sinônimo de notoriedade e riqueza. No EPIGRAMA III.38 nos mostra seu olhar sobre como viver na capital do Império

“ Ó Sexto, qual é a coisa, qual é a ousadia que te atrai a Roma? O que é que tu esperas aqui, o que é que tu procuras? Dize-me.

- Eu discutirei as causas com eloquência maior que a de Túlio e nos vossos tribunais não haverá um igual.

Atestino e Cive discutem causas – tu os conheces bem: mas não ganham nem para o aluguel.

- Bom, se não puder discutir causas, eu comporei versos. Quando tu ouvires os meus versos, pensarás que são de Virgílio.

Louco: todos os que tu vês tremer de frio sob as capas ralas são Ovídios e Virgílios.

- Então, irei à sala dos grandes.

Também estas não dão comida senão à poucos; os outros morrem de fome.

- Que devo fazer? Aconselha-me: mas, em todo caso, eu quero viver em Roma.

Se tu és honesto, ó Sexto, só poderás viver aqui por acaso.” (*apud* Leoni, 1958, p. 18-19)

Embora Marcial nos revele informações dos bens que possuía (EPIGRAMA IV.42 – posse de um escravo; EPIGRAMA IV.79 – posse de uma *villa* no Tibur; EPIGRAMAS V.62 e V.78 – propriedade em Nomento; EPIGRAMA VII.49 – presente enviados de sua *villa suburbana*), não esconde sua condição social. No EPIGRAMA V.13 chama de maneira veemente a atenção para si próprio e para sua fama de escritor

“ Confesso-te, ó Calístrato, sempre fui pobre; e continuo sendo pobre. Todavia, não sou um pobre e ignorado cavaleiro. Toda gente me lê; e ouço dizer: ‘ei-lo, ei-lo’! Estou obtendo, durante a vida, o que poucos têm depois da morte. Mas tu possuis prédios com cem colunas e um cofre cheio de ouro: teus são os campos da egípcia Siene e perto da gálica Parma os teus inúmeros rebanhos são tosquiados. Assim tu és, assim sou eu. Na verdade, o que eu sou, tu nunca poderás ser; pelo contrário, qualquer vagabundo poderá tornar-se o que tu és.” (*apud* Leoni, 1958, p. 23)

Marcial dá conselhos grátis, mas nunca esquece que é cliente de um patrono. O poeta espanhol sabia das dificuldades de não ter dinheiro. Torna-se, por vezes difícil resistir ao termo bajulador. A única escolha fora de seu alcance se quisesse prosseguir em sua profissão era a dos patronos

“Meu livro, em que direção tu queres ir como presente? Apressa-te para encontrar um protetor (...) Tu te refugias no seio de Faustino? Excelente idéia!” (EPIGRAMA III.12)

A condição de cliente em Roma implicava a realização de obrigações para com o patrono como a visita matinal (*salutatio*). Marcial reclama dessa atividade e mostra-se desatencioso com essa prática. No EPIGRAMA II.5 desculpa-se com ironia

“ Que eu perca a saúde, Decianus, se não desejo passar contigo dias e noites inteiros! Mas há duas milhas que nos separam: na verdade quatro milhas, já que é preciso retornar. Frequentemente não estás em casa”.

No contexto das relações políticas clientelistas, destacamos que os epigramas de Marcial constituem um exemplo tácito da arte de adular. Como escritor lembra o verdadeiro papel do mecenas e ambiciona possuir um patrono generoso que prestigie e reconheça seus talentos literários. No EPIGRAMA X.70 se lamenta das dificuldades na confecção de um livro,

“Porque produzi somente um livro durante um ano todo, eis-me, douto Potito, acusado por ti de preguiça. Mas tu poderias mostrar-te mais surpreso por eu ter produzido um livro, quando, tantas vezes, jornadas inteiras se perdem para mim. (...)”

A décima hora chegou e, morto de fadiga, vou banhar-me e tocar meus cem sestércios. Quando, Potito, eu encontraria tempo para escrever um livro?”

Marcial busca um patrono que o reconheça como um poeta. Ele não deseja apenas um patrono, mas sim, um mecenas

“ Que nosso século seja superior aos séculos de nossos antepassados e que Roma tenha se engrandecido com a glória de seu governante. Tu te espantas que o gênio do divino Virgílio nos faça falta e não encontre alguém para celebrar as batalhas com um trompete tão poderoso. Existiram Mecenas, e os Virgílios, oh Flaccus, não te faltarão (...) Que bom falar de Varius e de Marsus e citar nomes de poetas enriquecidos, cuja enumeração custaria um grande esforço. Eu serei, então, um Virgílio, se tu me fizeres os presentes de um Mecenas.” (EPIGRAMA VIII.55)

Perante as novas condições políticas e sociais do clientelismo durante o Império, a literatura mostra suas novas tendências. A postura de Marcial com relação a Domiciano, por exemplo, é essencialmente bajulatória. O poeta espanhol é cliente do imperador que se apresenta a ele como um patrono. Em face de tal condição, chama constantemente a atenção para si próprio e para sua missão, quase profética, pois seus poemas são uma forma consistente de propaganda para se chegar ao renome e à glória. No EPIGRAMA V.15, ele se dirige a Domiciano nesses termos,

“Eis, augusto imperador, o quinto livro de minhas centelhas, e ninguém se lamenta por ter sido ferido em meus versos. Ao contrário, muitos leitores se regozijam quando vêem honrados seus nomes, pois graças a mim uma imperecível fama lhes é assegurada. Mas, que proveito retiro desses poemas, malgrado o número daqueles que são neles homenageados? Que eu esteja sendo precipitado por isso: contudo, eles fazem minhas alegrias”.

No EPIGRAMA V.19, ele acrescenta:

“Se a verdade pode encontrar crédito, não se saberia, todo-poderoso César, destacar outra época além de teu século. Que época viu triunfo mais magnífico? Sob que chefe, Roma, a cidade de Marte, foi mais bela e mais grandiosa? (...) Entretanto, nossa cidade tem um defeito, e não é pequeno, embora seja único: aqui, o pobre só encontra ingratas amizades para cultivar. (...) César, deixa-me ser digno de tua amizade: nenhum príncipe saberia ser mais amável em qualquer mérito. Mas eu vejo, ó Germânico, um sorriso sarcástico franzir silenciosamente teus lábios: é que esse conselho que te dou, é interessado.”

O comportamento bajulador de Marcial reflete uma das estratégias do clientelismo. Ele oferece a Domiciano a propaganda de suas vitórias, como nos EPIGRAMAS VII.6 / VIII.15, das reformas imperiais de seu reinado no EPIGRAMA IX.7, a criação de leis que trouxeram de volta para Roma a castidade, a moralidade nos EPIGRAMAS IX.5 / VI.4. Em troca, o poeta coloca-se sob a divina proteção do imperador. No prefácio do Livro VIII, ele escreve:

“Na verdade, todos os meus livros, senhor, que te devem o renome, isto é, a vida, colocam-se sob tua divina proteção; e, penso, serão lidos por esse motivo. Este, no entanto, que é o oitavo de minha obra, goza mais prontamente da ocasião de manifestar-te minha veneração. (...) Embora o EPIGRAMA tenha sido tratado por homens mais virtuosos e da mais alta condição, de maneira que parecem ter imitado o estilo licencioso das mimas, eu não permiti a esses versos se exprimir com a mesma liberdade permitida pela forma utilizada. Como uma parte de meu livro está agarrada à majestade de teu nome sagrado, os leitores bem sabem, que tenho a intenção de me conformar com tal obrigação...”

Nas linhas iniciais do oitavo livro de epigramas Marcial ressalta o caráter divino atribuído à figura do príncipe. Jérôme Carcopino (1989) faz referência a essa questão destacando a exigência de Domiciano em ser saudado com o duplo título de *Dominus et Deus* (Senhor e Deus). Marcial responde à imposição do imperador e com isso, justifica a zombaria

, a ironia e a malícia que caracterizam seu estilo literário, e busca livrar-se de qualquer perseguição.

Na obra de Marcial também encontramos referência a outros imperadores: Augusto (EPIGRAMAS VIII.6/ X.101), Nero (EPIGRAMAS VII.21 / VII.37), Nerva (EPIGRAMAS X.60 / XI.15 / XII.4) e Trajano (EPIGRAMAS X,6 / X.34 / XII.8 / XII.9). No caso de Nero demonstra sua costumeira irreverência, mesmo porque o imperador já havia morrido. Compara Nero com Charinus, a quem qualifica de patife. Nem mesmo os edifícios públicos que construiu em Roma amenizam seu caráter,

“Como é possível acreditar, Severus, que o mais patife da terra, Charinus, tenha cometido uma boa ação? Eu vou te dizer, e em poucas palavras. Há algo pior que Nero? Há, entretanto, algo melhor que os banhos de Nero? (...) Eu o vejo aqui, um de nossos espíritos malévolos para me falar com um tom azedo: *o que coloca acima de tantos monumentos construídos por nosso deus e mestre?* Eu coloco as termas de Nero somente acima dos banhos de uma prostituta.”(EPIGRAMA VII.34)

Quando consideramos a aliança entre a literatura e a vida política nos primeiros séculos do período imperial romano, nos deparamos com a importância dos versos de Marco Valério Marcial. O poeta espanhol escreveu sobre os princípios que legitimavam e justificavam o poder pessoal e ilustram uma das razões do sucesso e da estabilidade do regime imperial.

Marcial desempenhava o papel de colunista social. Eram situações aparentemente incômodas, mas que revelavam o conhecimento e da intimidade e da personalidade das pessoas retratadas, o que as tornava acessíveis ao público e, por conseguinte conhecidas. Mesmo sendo um veículo para o conhecimento, seus poemas não escondiam a irreverência, a ousadia, a voluntariedade do conteúdo de seus versos. Na condição de cliente buscava no patrono um mecenas .

Referências Bibliográficas

Fonte impressa

MARTIALIS, Marcus Valerius. *Epigrammes*. Paris: Belles Lettres, 1961.

Bibliografia

ALFÖLDY, G. *História social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1987. (“Estudos”. 2).

BURN, A . R. *The gouvernement of the roman empire from Augustus to the Antonius*. London: Historical Association, 1952.

CARCOPINO, J. *Rencontres de l’Histoire et de la Littérature Romaine*. Paris: Flammarion, 1936.

FINLEY, M. *A Política no Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GARNSEY, P. *Social Status and Legal Privilege in the Roman Empire*. Oxford, 1970.

GRIMAL, P. *Dictionnaire des biographies*. Paris: Press Universitaires de France, 1958.

HARVEY, P. *The Oxford Companion to Classical Literature*. Oxford; Clarendon, 1951.

HELLEGOUARC'H, J. "La vie politique des romains a travers le vocabulaire". *L'Information Litteraire*. Paris; J.B. Baillièere et Fils, 4: 158-166, 1963.

LEONI, G.D. *Cem epigramas de Marcial*. SP: Livraria Nobel, 1958. ("Monvmentvm Aere Perennivs").

MARACHE, R. "La poesie romaine et le probleme social a la fin du I er. Siècle: Martial et Juvenal". *L'Information Litteraire*. Paris: J.B.Baillièere et Fils, 1: 12-19, 1961.

MICHEL, Alain. *La philosophie politique a Rome D 'Auguste a Marc Aurele*. Paris: Armand Collin, 1969.

SALLER, Richard. "Patronage and friendship in early imperial Rome". In: WALLACE-HADRIL, A . (ed.) *Patronage in Ancient Society*. London and New York: Routledge, 1989. P. 49-62.

¹ Departamento de História –Universidade Estadual de Maringá – Pr